

#cm

2

SEGUNDA-FEIRA



Hora de aplaudir o **teatro do RJ**

Adaptação do livro **homônimo de Itamar Vieira Jr.**, o espetáculo “Torto Arado - O Musical” **domina as indicações do Prêmio APTR em sua 20ª edição.** São indicações em **nove categorias da premiação** que celebra duas décadas. **Arlete Salles e Stephan Nercessian** serão os homenageados da cerimônia desta **terça-feira (16) no Teatro Riachuelo.** Páginas 2 e 3



Divulgação

Torto Arado - O Musical

A festa do teatro carioca chega à sua 20ª edição



Lina Sumizono/Divulgação

Ao Vivo [dentro da cabeça de alguém]

Prêmio APTR se consolida como termômetro e avalista do que melhor se produz no panorama regional das artes cênicas



Annelize Tozetto/Divulgação

O Céu da Língua

AFFONSO NUNES

Nesta terça-feira (16) a cena teatral do Rio de Janeiro vive sua grande noite com a 20ª edição do Prêmio APTR, a Associação de Produtores Teatrais. “Torto Arado – O Musical” desponta com indicações em nove categorias, seguido por “O Céu da Língua” com cinco. “Maldita” e “(Um) Ensaio sobre a Cegueira”, com quatro cada, e “Ao Vivo [Dentro da Cabeça de Alguém]”, com três, tornam-se os maiores favoritos. Esses cinco espetáculos dominam as 18 categorias da premiação que será realizada no Teatro Riachuelo.

Desde 2006, o Prêmio APTR se consolidou como termômetro da vitalidade e diversidade da cena teatral carioca. O evento promove o encontro e o reconhecimento de artistas, técnicos, diretores, dramaturgos e produtores para celebrar a arte cênica e a vitalidade dos palcos. Nesta

edição comemorativa, a premiação presta homenagens especiais a dois ícones dos palcos. Arlete Salles e Stephan Nercessian terão suas trajetórias exaltadas. O Troféu Marília Pêra vai para o Grupo Galpão, que celebra 44 anos de história, enquanto Rafael Raposo recebe a Categoria Especial

pela gestão, reforma e criação do Cabaré no Teatro Glaucio Gill.

A liderança de “Torto Arado – O Musical” reflete sua presença em categorias centrais: Espetáculo, Direção (Elísio Lopes Jr.), Atuação (Larissa Luz em papel protagonista e Lilian Valeska em coadjuvante), Música (Jarbas

Cabras marcados para não esquecer

O documentário 'Não Tem Água Que Apague Esse Fogo' contextualiza ao universo de lutas do clássico de Eduardo Coutinho hoje, ao retomar as batalhas das Ligas Camponesas na Paraíba



Divulgação

O Memorial das Ligas e Lutas Camponesas em 'Não Tem Água Que Apague Esse Fogo', um resgate da resistência camponesa

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Crimes ligados a disputas fundiárias histórias do Brasil já inspiraram clássicos de distintas fases de nosso audiovisual, a se julgar o Cinema Novo de "Vidas Secas" (1963), em uma andança histórica de vigília que nos leva ao inédito "Não Tem Água Que Apague Esse Fogo". A produção feita pela ONG Criar Brasil acende nosso alerta em relação a violências que não cessam ao falar de corpos de camponeses perseguidos pela ditadura militar, que teriam sido queimados em fornalhas de usinas na Paraíba, segundo denúncia apresentada pelo Ministério Público Federal (MPF).

É nesse contexto de revelação da brutalidade contra os "operários do campo" que o documentário opera, resgatando a saga de resistência em defesa da democracia e da reforma agrária. O filme, com duração de 30 minutos, terá pré-estreia no Rio de Janeiro, nesta quarta (17), às 19h, na Sala 2 do Estação Net Rio. Passa ainda em João Pessoa (PB), no dia 29 de junho, às 18h, no Cine Aruanda. Sua narrativa traz depoimentos de filhos de vítimas. Cada fala revive (com saudade) a peleja de quem defendeu o



Divulgação

A professora Juliana Teixeira na Escola Cidadã Integral Técnica Monsenhor Odilon Alves Pedrosa em Sapé

“Ouvimos depoimentos de jovens de 30, 35 anos que são de famílias atingidas por essa repressão no campo, e que só souberam da dimensão dessa luta ao ingressar na universidade. O medo e o trauma silenciaram a geração que viveu perseguição, impedindo que a história fosse contada dentro das casas e nas comunidades para os filhos e netos, a tal ponto que os camponeses negaram sua identidade” **ROSANGELA FERNANDES**

direito à terra para os agricultores.

“Ouvimos depoimentos de jovens de 30, 35 anos que são de famílias atingidas por essa repressão no campo, e que só souberam da dimensão dessa luta ao ingressar na universidade”, explica a roteirista e diretora Rosângela Fernandes. “O medo e o trauma silenciaram a geração que viveu perseguição, impedindo que a história fosse contada dentro das casas e nas comunidades para os filhos e netos, a tal ponto que os camponeses negaram sua identidade”.

Sua dramaturgia narra a luta pela conservação da memória das pejeas do campo na Paraíba.

“As Ligas se estruturaram como organização dos camponeses, iniciando a luta pela reforma agrária e por direitos básicos em tempos em que as condições de trabalho eram análogas às da escravidão. Elas representam a semente de movimentos mais recentes como o MST”, explica a roteirista e realizadora Rosângela Fernandes, que escreveu o filme com Marcelo Pitaro e assina a direção com Isabelle Gomes, Marina Vianna e Gustavo Souza. “O título é inspirado em uma frase de João Pedro Teixeira (líderança camponesa retratada no clássico “Cabra Marcado Para Morrer”, de Eduardo Coutinho), que foi assassinado por latifundiários num

período de grande repressão, em 1962, já na conjuntura de tensão que culminou no golpe civil-militar de 1964. João Pedro dizia que a luta nunca morreria, mesmo com a repressão e assassinatos dos líderes dos movimentos populares”.

Não há como analisar a relevância das imagens e das falas retratadas em “Não Tem Água Que Apague Esse Fogo” sem que se crie uma parentela de sua pujança audiovisual com “Cabra Marcado Para Morrer” (1964-1984), que conta a história de João Pedro e Elizabeth Teixeira, líderes das Ligas e Lutas Camponesas de Sapé, na Paraíba.

“Nossa equipe visitou a casa em que eles viveram, hoje transformada em memorial, e que cumpre um importante papel na preservação da história” explica Rosângela. “Entrevistamos as atuais lideranças do memorial, a neta e a filha de Elizabeth e João Pedro. Eduardo Coutinho fez uma produção de grande valor histórico, em um momento difícil, inclusive precisando interromper o projeto durante a ditadura. Nossa intenção é revisitar esse passado, mas trazer à tona todas as consequências para a população do campo dos ataques ao Estado Democrático de Direito, inclusive o golpe de 2016, que destituiu a presidenta Dilma Rousseff, e os governos de Michel Temer e Jair Bolsonaro”.

Rosângela explica que hoje iniciativas como os memoriais das Ligas atuam para o resgate histórico. A ideia do documentário é contribuir para esse esforço coletivo de memória. “É uma homenagem que fazemos de forma respeitosa a todos e todas que participaram dessa luta. E, principalmente, aos que não se calaram e seguem se posicionando, mesmo num país em que a extrema direita hoje representa as mesmas forças de repressão do passado”, diz Rosângela.

A partir da projeção carioca, no Estação, “Não Tem Água Que Apague Esse Fogo” será exibido na Rede TVT, TV Aberta em São Paulo. Haverá uma pré-estreia no Cine Aruanda, na Universidade Federal da Paraíba, UFPB, no dia 29 de junho.

“Depois, faremos um circuito de festivais e estamos disponíveis para quem tiver interesse em exibir o documentário e realizar debates sobre o tema”, diz Rosângela. “Nossa intenção é fomentar a reflexão, especialmente, num ano eleitoral tão importante para o futuro do país”.



Andy Garcia atua em 'Diamond', longa que também dirige

A longa vida das sombras

De Sófocles a Andy Garcia, noir continua a iluminar o lado mais obscuro da arte

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Em meio à acertada celebração romena pela Palma de Ouro dada a "Fjord", de Cristian Mungiu, Cannes terminou sua edição n.º 79, no dia 23 de maio, sem entender por que "Diamond", um thriller protagonizado e realizado por Andy Garcia, não disputou o prêmio mais cobiçado de seu certame. Nas últimas três semanas, frente à forte procura pelo longa-metragem do astro de "10 Coisas Para Se Fazer Denver Quando Você Estiver Morto" (1995), essa pergunta só fez se expandir. Na saga cheia de metalinguagem de um detetive às voltas com feridas d'alma, Garcia abriu um dos territórios mais fascinantes da história do cinema: o noir. Embora o termo costume ser associado aos policiais americanos dos anos 1940, suas origens são muito mais antigas do que Hollywood. O noir não nasceu como gênero. Nasceu como visão de mundo.

É possível rastrear seus primeiros sinais até as tragédias gregas. Em Sófocles, Ésquilo e Eurípedes já estavam presentes personagens



Simon Baker em 'Limbo', um noir à moda australiana



'Only The River Flows' é um noir à chinesa

esmagados por forças que não compreendiam plenamente, vítimas de paixões destrutivas, erros morais e destinos inevitáveis. Édipo, perseguindo uma verdade que acabará por destruí-lo, possui mais afinidades com os futuros detetives do noir do que muitos investigadores modernos.

A literatura do século XIX aprofundou essa herança. O romance gótico trouxe atmosferas de decadência, medo e fatalidade. Ed-

gar Allan Poe acrescentou o fascínio pelo crime e pela psicologia do criminoso. Mais tarde, autores como Émile Zola e Fiódor Dostoiévski mergulharam em universos onde culpa, obsessão e degradação moral se tornavam motores dramáticos.

Mas o nascimento efetivo do noir moderno ocorreu nas páginas da chamada literatura hard-boiled americana. Durante a Grande Depressão, escritores como Dashiell Hammett, Raymond Chandler e

James M. Cain abandonaram os mistérios elegantes do romance policial clássico para retratar cidades corrompidas, investigadores desencantados e personagens aprisionados em dilemas morais sem solução. Foi essa matéria-prima literária que alimentou Hollywood.

Ao mesmo tempo, cineastas europeus exilados nos Estados Unidos fugiam do avanço do nazismo. Eles levaram consigo a estética do expressionismo alemão, marcada por

sombras duras, contrastes violentos de luz, cenários opressivos e enquadramentos angulados. A fusão entre essa linguagem visual e a literatura policial americana daria origem a obras como "Relíquia Macabra", "Pacto de Sangue", "Laura" e "À Beira do Abismo".

Curiosamente, os realizadores daqueles filmes jamais se definiram como autores de noir. A expressão surgiu apenas em 1946, quando o crítico francês Nino Frank percebeu semelhanças entre diversos thrillers americanos lançados durante a guerra. Inspirado pela coleção literária Série Noire, ele cunhou o termo que atravessaria décadas e fronteiras.

O noir clássico desapareceu no final dos anos 1950, mas sua influência jamais cessou. Surgiu então o neo-noir, capaz de adaptar seus princípios a novas realidades sociais. O fatalismo permaneceu. A ambiguidade moral também. Apenas mudaram os cenários, as tecnologias e os contextos históricos.

Hoje, o noir é uma linguagem global. Na Austrália, "Limbo" (2023), de Ivan Sen, transformou o deserto do país numa paisagem de culpa e exclusão social. Na Índia, "Monica, O My Darling" (2022) reinventou os códigos do gênero através de humor ácido e conspirações corporativas. No Japão, "Missing" (2021), de Shinzo Katayama, incorporou elementos noir a uma investigação marcada pela alienação contemporânea. Já a China produziu um dos exemplos mais celebrados dos últimos anos com "Only the River Flows", de Wei Shu-jun, policial existencial que mistura mistério criminal e crise psicológica numa atmosfera carregada de melancolia.

As plataformas de streaming também se tornaram abrigo privilegiado para o gênero. A Netflix disponibiliza títulos contemporâneos como "Monica, O My Darling", além de clássicos neo-noir como "Nightcrawler". A MUBI frequentemente acolhe produções asiáticas e europeias do filão. Já serviços como Prime Video e Apple TV+ alternam entre thrillers policiais recentes e obras históricas que dialogam com a tradição noir. A procura por esse tipo de narrativa permanece constante porque seus temas continuam atuais.

É justamente aí que reside a força do noir. Mais do que um gênero, ele é uma maneira de olhar para o mundo. Um universo onde a verdade nunca é completa, onde as instituições raramente são confiáveis e onde o desejo costuma conduzir à destruição. Das tragédias gregas aos romances policiais, dos becos enfumados de Los Angeles às paisagens da China contemporânea, o noir continua a lembrar que as maiores sombras não pertencem à noite. Pertencem à natureza humana. E é por isso que filmes como "Diamond" ainda encontram eco num público que, geração após geração, continua fascinado pelos mistérios da escuridão.

O filme que não estava (nem está) lá

Cinco anos depois de sua consagradora passagem pela Berlinale, 'Albatros' sumiu do rastro das plataformas e desaparece da web, resumindo a um trailer e a memória de quem viu

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Ignorado pelo circuito exibidor brasileiro, apesar das críticas elogiosas colhidas em Berlim, em meio à pandemia, "Albatros" (em português, "Albatroz", como a ave do qual tira seu título) não teve nem chance no mercado digital. Desapareceu das plataformas, apesar de ser uma joia do cinema francês recente.

Passou-se um bocado desde a Berlinale 2021, mas a capital alemã não se recupera desse título que ainda reverbera por suas esquinas. Ninguém entendeu como o júri do evento germânico deixou sair sem lãureas um filme tão possante, que nos devasta por sua discussão sobre o peso da culpa e importância da catarse como expiação do remorso. Um filme que vendeu 90 mil ingressos em um mês em uma friíssima temporada de vacas magras para o cinema francês, dirigido e escrito por Xavier Beauvois, mesmo cineasta que, em 2010, deslumbrou o mundo com "Deuses e Homens". Seu chamariz é a potência em estado pleno de um ator em estado de graça: Jérémie Renier.

À época em que Beauvois exibiu o longa na disputa pelo Urso dourado, em março passado, a revista portuguesa C7nema escreveu assim: "Existem atores que

nos ganham pelo carisma (Gérard Philipe, David Niven, Bill Murray), atores que nos seduzem pelo ativismo político (Yves Montand, Danny Glover) e existem aqueles que nos imantam pelo puro talento (Daniel Day-Lewis, Tony Leung, Denzel Washington, Milton Gonçalves). Mas há uma quarta categoria: a dos atores essenciais. Profissionais que misturando carisma, talento e um certo grau de mobilização política tornam-se símbolos de seu tempo, metonímias vivas do modo como vivemos um certo período da História. Jérémie é um deles".

Hoje com 45 anos, Renier passou pelo Brasil em 2018 para lançar os filmes "O Amante Duplo" (do mesmo François Ozon que abriu esta Berlinale, ontem, com "Peter von Kant") e "Carnívoras" (que dirigiu com seu irmão, Yannick). Em "Albatros", o muso dos irmãos Luc e Jean-Pierre Dardenne, com quem fez pérolas como "A Criança" (Palma de Ouro de 2005), vive Laurent, um policial acostumado à rotina tranquila da Normandia, numa zona portuária. É de secar a garganta a maneira como a câmera de Beauvois, modulada pela fotografia de Julien Hirsch (de "Lady Chatterley" e de "O Exercício do Poder"), flana pela região e consegue deixar uma sensação de aspereza mesmo nos ambientes mais úmidos, de



Guy Ferrandis/Divulgação



Jérémie Renier é a ave sem ninho de 'Albatros', longa de Xavier Beauvois (abaixo) indicado ao Urso de Ouro de 2021

águas onipresentes.

Durão e eficaz em seu ofício, Laurent mantém uma doce relação com a namorada, Marie (Marie-Julie Maille, em impecável em sua atuação). Eles têm uma filha, mas nunca se casaram. Ele, contudo, sonha com uma festa de casamento, e ela, não, quase numa inversão das representações arquetípicas de gênero. Ele sonha ainda em ganhar o mundo num barco. Mas depois que um incidente em seu trabalho, na tentativa de conter um homem descontrolado, termina em tragédia, o oceano de prosperidade desse doce personagem vira uma torrente de pesadelo

e só lhe restam as marés.

Até a tormenta bater, Beauvois é plácido... e crente. Ele não se apressa a entrar em pontos de virada ao lidar com o roteiro escrito com Frédérique Moreau e a própria Marie-Julie. Não é um filme SOBRE um incidente, mas COM um incidente, onde o mais importante é saber quem Laurent era e o que ele vai se tornar. É uma mescla de suspense e drama que estuda um personagem a fundo, apoiado no amplo ferramental de um bom ator.

Beauvois não lança nada desde "La Vallée des Fous", de 2024. Renier hoje filma a minissérie "Eldorado".

É doce? É salgado? Não, é 'swalty'!

Tendência consolidada no exterior, fusão de sabores opostos ganha espaço no paladar brasileiro

AFFONSO NUNES

O paladar brasileiro está mudando? A nossa gastronomia vem abraçando uma tendência que rompe a tradicional dicotomia doce X salgado. Trata-se da Swalty, a mistura deliberada entre esses dois sabores. O nome vem do inglês, a fusão de "sweet" (doce) com "salty" (salgado). Esse contraste sensorial, que vai muito além do tradicional agridoce, realça o sabor dos ingredientes, equilibra o paladar e tem forte apelo visual.

Essa tendência caiu no gosto especialmente das gerações Z e Millennial, mas encontram adesão de paladares mais curiosos independente da faixa etária. São pessoas que buscam experiências sensoriais

marcantes. Mel picante, chocolates com flor de sal, pizzas agridoce e geleias com sabores defumados estão mais presentes nas mesas de bares e restaurantes num movimento que ressignifica a relação do consumidor com a comida.

A tendência não é exatamente uma novidade nos mercados internacionais. Caramelos salgados e pretzels (aqueles biscoitos salgados crocantes, tipicamente em formato de nó, polvilhados com sal grosso) com chocolates já circulam há anos em prateleiras globais. Mas no Brasil, o fenômeno ganha força agora, acompanhando a ascensão do consumo experiencial, o que é confirmado por pesquisas internacionais. Segundo a Innova Market Insights, 64% dos consumidores buscam snacks com sabores em camadas, e as combinações doce-salgado lide-

ram essa busca.

A geração Z é a grande impulsionadora dessa onda. Influenciados por conteúdo viral nas redes sociais, buscam texturas contrastantes e ingredientes inusitados que desafiem expectativas. Millennials, embora também abracem a novidade, tendem a valorizar a sofisticação e a gastronomia gourmet, preferindo combinações que remetem à culinária de fusão.

No varejo e no food service bra-

sileiro, a tendência já deixa marcas visíveis. Hamburguerias oferecem pães com geleias agridoce; cafeterias servem queijos acompanhados de mel; restaurantes experimentam sobremesas com bacon e molhos que misturam dulçor, acidez e picância. Até mesmo categorias tradicionais — como geleias — exploram novos contextos de consumo, aparecendo em tábuas de frios, acompanhando carnes e em drinks autorais.

Em parceria com a Cerrati, a

Queensberry lançou a primeira geleia de maçã com pedaços de bacon do mercado. Afinal de contas, por que uma geleia não poderia acompanhar um hambúrguer ou entrar numa redução para acompanhar carnes? Por que chocolate não poderia levar sal?

O setor alimentício aposta que essas combinações híbridas continuarão avançando nos próximos anos, especialmente em snacks, molhos e sobremesas.



Os hambúrgueres com geleia já são uma tendência no Brasil

NOTÍCIAS DA COZINHA

POR NATASHA SOBRINHO



Divulgação

Jantar especial no L'Etoile

Nesta segunda (15), às 20h, Monique Gabiatti, Elia Schramm, Jimmy Ogro e Dianna Macedo são os chefs convidados pelo restaurante L'Etoile para protagonizar o jantar de abertura do "FOLGA + Mesa ao Vivo Rio - Gestão e Negócios", promovido pelo Mundo Mesa, Prazeres da Mesa e SindRio. Com o tema "A Cozinha que traduz o Rio", o jantar propõe uma imersão gastronômica nos sabores, ingredientes e na diversidade cultural do Rio de Janeiro. O convite custa R\$ 450 + 10% de taxas e pode ser adquirido por WhatsApp (21 99129-3828).



Divulgação

A torta que bate um bolão

A Copa do Mundo 2026 já começou e, para quem gosta de reunir família e amigos para torcer pela Seleção Brasileira, a Torta & Cia preparou algumas opções criativas para esses momentos de gente reunida. Entre os destaques da temporada estão a Torta Bola. Ela é composta por camadas de brownie intercaladas com creme maravilha de chocolate e coberta com calda de chocolate. Com visual inspirado no universo do futebol, ela promete ser o centro das atenções nas reuniões entre amigos e familiares.



Divulgação

Croissant em Ipanema

A Croissanteria Portuguesa acaba de abrir unidade em Ipanema, na Rua Visconde de Pirajá. A casa aposta em um cardápio especializado em croissants recheados, com versões doces e salgadas, além de sanduíches, bruschettas e pastéis de nata. A nova loja funciona em espaço com mesas internas e externas, mantendo a proposta que fez sucesso em Copacabana. Entre os destaques estão recheios como doce de leite, morango, Nutella, salmão e até sorvete. Funcionamento diário com horários ampliados durante a semana.

FOTOCRÔNICA | CARLOS MONTEIRO

FOTOS E TEXTO

Rio, Cidade Ciclística

Sai cedo, quando o sol ainda ensaiava os primeiros acordes sobre a Baía de Guanabara. A bicicleta deslizava leve pela ciclovia, e o Rio de Janeiro, antes de despertar por completo, parecia pertencer apenas aos pássaros, aos pescadores e aos ciclistas. Há cidades que se observam pela janela; o Rio, não. O Rio foi feito para ser percorrido. E poucas formas de conhecê-lo são tão prazerosas quanto pedalando.

A roda gira e, com ela, a paisagem muda como páginas de um álbum fotográfico. De um lado, o azul do mar. Do outro, o verde das montanhas. Entre ambos, a fita vermelha da ciclovia conduzindo homens e mulheres que descobriram um segredo simples: a felicidade pode ter duas rodas.

Pedalar na orla é como passear dentro de um cartão-postal em movimento. Em Copacabana, o calçadão ainda boceja enquanto corredores disputam espaço com ciclistas silenciosos. Mais adiante, em Ipanema, o sol nasce atrás das ilhas Cagarras e pinta de dourado os rostos dos que seguem viagem. No Leblon, o Morro Dois Irmãos parece vigiar a cena como um velho guardião da paisagem carioca.

Mas o encanto não termina ali. A ciclovia acompanha lagoas, parques e praias. Contorna a Lagoa Rodrigo de Freitas, onde as águas refletem o Cristo Redentor como um espelho caprichoso. Segue pela Barra da Tijuca, onde o horizonte parece não acabar nunca. Em cada curva, uma fotografia pronta; em cada parada, uma nova descoberta.

O mais bonito, porém, não está apenas na paisagem. Está nas pessoas. O senhor de cabelos brancos que pedala com a mesma disposição de um garoto. A família inteira ocupando a ciclovia numa manhã de domingo. O trabalhador que troca o engarrafamento pelo vento no rosto. O turista que, surpreso, percebe que a cidade pode ser contemplada sem a pressa dos automóveis.

A bicicleta tem essa virtude democrática. Aproxima o cidadão da cidade. Faz com que ele repare na árvore florida, no pescador paciente, na garça pousada à beira da lagoa. Devolve ao olhar detalhes que a velocidade costuma roubar.

Enquanto pedalava, pensei que o Rio possui uma vocação natural para o ciclismo. Poucas cidades no mundo oferecem um cenário tão generoso. Mar, montanha, lagoa e céu parecem ter firmado um acordo silencioso para acompanhar quem passa sobre duas rodas.

Quando terminei o percurso, já com o sol alto e a cidade completamente acordada, percebi que a bicicleta havia me dado mais do que exercício. Havia me oferecido uma forma diferente de enxergar o Rio. Uma forma mais lenta, mais próxima e mais humana.

E então compreendi que, para conhecer verdadeiramente a Cidade Maravilhosa, não basta olhar suas paisagens. É preciso atravessá-las pedalando, sentindo o vento no rosto e deixando que cada quilômetro conte uma nova história. Afinal, no Rio, a beleza não está apenas no destino. Está também no caminho.

